

A FALA DOS MINEIROS DA CIDADE DE ALTO RIO DOCE

FRIAS, José Venicius Marinho

Licenciado em Letras Clássicas pela UDF(atual UERJ)

Livre Docente em Língua Portuguesa

Vice-Reitor Acadêmico da UNIABEU

Diplomado pela Escola Superior de Guerra – ESG

Membro da Academia Brasileira de Filologia

Resumo:

Nesta comunicação, pretendemos divulgar um vocabulário regional, algumas construções frasais e certos modismos usados na região da Mantiqueira, onde se localiza a cidade, em que fizemos o levantamento. Não podemos considerar o português do Brasil como um bloco uniforme. Apresenta diversos usos, matizes vários, imensas variações regionais, sociais, grupais, individuais, que devem ser levadas em conta num estudo que possibilite uma visão de conjunto.

INTRODUÇÃO

Tudo isto é entendível e natural, já que nenhuma língua se mantém uniforme, quando se espalha num determinado território. A língua portuguesa, transplantada de Portugal para o Brasil, recebeu aqui influências da língua geral falada nas costas brasileiras – o tupi-guarani – e influência africana, tendo esta última, como veículo, os escravos que para cá foram trazidos.

DESENVOLVIMENTO

Um dos grandes problemas, uma das maiores dificuldades, senão a maior, para caracterizar o português do Brasil, é a falta de estudos dialetológicos entre nós, bem assim a de um mapa lingüístico

Já existem trabalhos de muito boa qualidade no campo da dialetologia, mas, infelizmente, tudo que se tem feito, com louváveis exceções, é ainda assistemático, sem segura base científica..

Não se pode negar, contudo, que haja estudos isolados e realizados por iniciativa particular, tais como o Atlas Lingüístico dos falares baianos, de Nelson Rossi. O Dialeto caipira, de Amadeu Amaral, O linguajar carioca, de Antenor Nascentes, O dialeto caipira da região de Piracicaba, de Ada Natal Rodrigues e, mais recentemente, um trabalho de qualidade publicado pela universidade Federal de Juiz de Fora.

Essa área de estudos é vastíssima e por demais apaixonante, estando à espera de estudos profundos, de pesquisa científica com segura orientação lingüística

Infelizmente, em tal área, são poucas as iniciativas governamentais de incentivo à pesquisa científica.

Conhecemos uma iniciativa do INEP, que financiou uma pesquisa sobre a fala das crianças do Estado do Rio de Janeiro, dos sete aos onze anos, coordenada pelo Professor Sebastião Votre e de que fizemos parte.

Quantos modismos, variantes fonéticas e léxicas, torneios sintáticos, palavras usadas em determinadas regiões e desconhecidas em outras ou então conhecidas, mas com significado diferente, estão à espera de uma sistematização para conhecimento de todos os falantes brasileiros.

O que vamos apresentar nesta comunicação só tem valor de divulgação, não sendo outra a nossa intenção. Aqui está o resultado de um levantamento individual sem rigor científico.

Quando de nossas idas ao nosso Estado – Minas Gerais – recolhemos sempre de pessoas idosas, crianças, analfabetos, de semialfabetizados, de jovens palavras e expressões interessantes, usadas na região da Serra da Mantiqueira.

Mostraremos tão-somente material colhido na cidade de Alto Rio Doce, situada a cinqüenta e dois quilômetros de Barbacena

Quase tudo se prende ao campo do léxico e, por isso, para colocar um pouco de ordem em nossa exposição, seguem-se as palavras e expressões, acompanhadas de ligeiríssima explicação para o entendimento de todos.

Divulgar a fala da região a que aludimos anteriormente, neste trabalho, principalmente a cidade de Alto Rio Doce, é o que temos em mente e só, por enquanto.

Eis uma parcela do vocabulário mineiro/regional.

ABERTURAR – agredir pessoas, segurando-as pela abertura do casaco ou da camisa. Daí o verbo derivado de “abertura” Pára de me amolar, se não vou te aberturar.

ACADERAR- SE – acomodar-se, sentar-se em cadeira. Se acadere, comadre.

AJUNTAR JOELHO – maneira curiosa de dizer que alguém está à toa, sem fazer nada, inativo. Maria, o Zé vive ajuntano joelho.

ALPARGATA RODA – tipo de calçado de lona, barato, com corda enrolada, na parte que fica sobre o chão de que se sevem as pessoas de menor poder aquisitivo. Por lá, entre outras, usam-se, para designá-la, as seguintes palavras e expressões, tais como:

a) **PÉ-DE-VALSA** – é leve e, por isso, se associa à idéia e à imagem de quem dança a valsa, levemente, quase deslizando.

b) **CHINELA DE IMBIRA** – imbirá é uma espécie de corda, extraída da bananeira. Toma-se aí a parte (base) pelo todo.

c) **ROUBA-GALINHA** – evidente a associação analógica: não faz barulho, quando a pessoa anda e, por isso, é propícia para o roubo de galinhas.

d) **TÔ NA MERDA** – quando a pessoa compra a alpargata roda (pensam assim) é porque está na última lona, como se diz em outras regiões.

e) **ARRANCA TOCO** – designação de sujeito abrutilhado. Aquele que está sempre esbarrando em tudo. Lá vem o arranca-toco.

f) **ARISCO** –esquivo, desconfiado. Cuidado que essa égua é arisca.

g) **ARRIR = rir** – verbo surgido, certamente, como fenômeno de fonética frásica (aglutinação) em decorrência do ritmo frasal.: ele começou a rir. Daí: Ele contou a piada e eu **arri** muito. A preposição aglutinou-se ao corpo do verbo.

O mesmo fenômeno ocorre no Rio de Janeiro com “pipa voada = pipa **avuada**.”

h) **ARROIADO** – despalatalização de “arrolhado” querendo dizer “encalhado” Diz-se até de documento em repartição pública: “Minha escritura ta arroiada no cartório.”

i) **BARRO** = fezes. Daí a expressão: bater barro, no sentido de defecar. Faz-se por lá a seguinte charada: “Nossa Senhora (1)!

Bato barro (2) na América do Norte, cuja solução é: Nossa Senhora= Chi!
Bato barro = cago, logo Chicago.

j) **BATER CAIXETA** – interessante o uso desta expressão, para indicar o ato de copular e de masturbar-se Esse moleque tá sempre batendo caixeta atrás da igrejinha do Rosário.

l) **BESTAGE** – O mesmo que “besteira, tolice, bobagem” É comum ouvir-se a advertência: Deixa de bestage, sô!

m) **BOLHACHA DO JOELHO** – Entre os roceiros, o mesmo que “rótula” Certamente a analogia com a rótula, arredondada., é que originou o termo.

n) **BOSTA DE COBRA** – expressão engraçada para designar pessoa insignificante, sem valor. Também é maneira carinhosa de dirigir-se às crianças. “Esse bostinha de cobra vive na bagunça”

o) **BRIOCO** = ânus. Ele está com o brioco inflamado.

p) **BUCHO** – barriga, ventre. Talvez tenha saído da parte do nome dado à parte carnuda da coxa.

A comadre tá com o bucho cheio. Vem neném aí.

q) **CAMBITO** – perna fina parecendo osso. Aquela menina tem uns cambito feio!

r) **CACUMBU** – machado ou enxada já gastos, imprestáveis. A origem provável é o quimbundo “kakumu” .

Troca esse cacumbu que ele não corta mais nada.

s) Cadença – é comum o uso da palavra para significar inteligência, memória.

Que minino bão! Que cadença ele tem!

t) **CAMINHADEIRA** – desarranjo intestinal. É fácil entender o sentido da palavra: quem está com disenteria, a cada momento caminha, corre para o banheiro.

Hoje tá bravo! Tô com uma caminhadeira danada

u) **CAPELA-DOS-OLHOS** – o mesmo que pálpebra. A cobertura dos olhos. Tô com a capela-dos-olhos inchada.

v) **CAPOTE-DE-POBRE** – O mesmo que cachaça, pinga. A cachaça esquenta, daí o termo sinônimo.

Eta friozinho! Vamo tomá um capote-de-pobre.

x) **CARCUNDA** - variante de corcunda. O mesmo que costas.

Vive carregano a criança na carcunda. Provavelmente origina-se do quimbundo “caricunda”.

z) **CHOFERAR** – dirigir, guiar carro. Certamente o substantivo francês “chauffeur” (aquele que aquece o motor) deu origem ao verbo choferar.

A) - **CIÚME** – para designá-lo usam-se , geralmente, dois vocábulos:

1. **CALUNDU** – palavra de origem africana que desviou seu sentido de “irritabilidade, mau humor” para o segundo sentido que se liga ,semanticamente, ao primeiro. A origem mais provável é “kalu’nu” do quimbundo, significando ente sobrenatural que dirige os destinos humanos e, entranhando-se no corpo de alguém, torna-o nostálgico. Li o termo em Dona Flor e seus dois maridos, de Jorge Amado, com o mesmo sentido. “Ela tem calundu de você?”

2. **CANELAGEM** – ressentimento amoroso. Em algumas regiões, diz-se “Dor de cotovelo” com sentido um pouco diferente de lá, onde é comum dizer-se “dor de canela” Observe-se a quadrinha popular que todos conhecem no interior de Minas: “Da doença do ciúme, / Eu também entendo dela. / Quando vou ver o doente, / Tomo o pulso na canela.”

B) - **COBRES** – o mesmo que dinheiro. Certamente, o termo apareceu, porque as moedas eram feitas de cobre. Já passei o meu gato nos cobres.

C) - **CRISTEL** – lavagem intestinal. Ele estava com dor de barriga e precisou tomar um cristel.

D) - **CUBU** – bolo de milho, de fubá. Gosto de tomar café com cubu.

E) - **CUMPRIMENTO** – na região a que nos estamos referindo, principalmente no campo, é difícil ouvir-se “bom-dia e boa-noite” O que é comum e deve causar espanto a quem não é da região, é o seguinte cumprimento seguido de resposta: Sim senhor / Senhor sim!

F) - DA CORDO SÔ MESTRE – a coisa está preta, ruim, difícil. A expressão teve origem em um professor que morou na cidade e era excessivamente rigoroso, useiro e vezeiro em bater com a palmatória nos alunos que erravam algum exercício. Ele era preto. Daí a expressão “Da cor do sô mesre”

G) - DESMAZELO – alfinete de mola e de cabeça. Usar alfinete para encobrir algum rasgo na roupa, em vez de consertá-la, é sinal de que a pessoa não cuida bem de suas coisas. É desmazelada. A palavra deriva-se de “mazela” (defeito moral) e vem do latim “macella” diminutivo de mácula. Quanto custa uma dúzia de desmazelo?

H) - DUAS LIBRAS – ENXADA. Resulta o nome do fato de todas as enxadas trazerem o peso escrito, e, como a de uso mais comum é a de duas libras, a enxada passou a chamar-se “duas libras”

I) - ESTRUPIÇO – coisa ou pessoa estranha, feia, desengonçada.

J) - FACE DOS QUARTOS – nádegas, protuberância dos quadris, de modo geral cheinhas como as faces. Diz-se por lá: Ela é a garota que tem a mais gostosa face dos quartos.:

L) - FALAR COMO MULHER DA RUA DE BAIXO – Falar muito, matraquear. Evidentemente a expressão só pode ser entendida por quem mora na cidade onde é usada, porque são conhecidas como mulheres excessivamente faladeiras as que residem na parte baixa da cidade.. Você fala mais do mulher da rua de baixo.

M) - FALAR SEGREDO – estar rouco, afônico. Interessante a expressão: a pessoa rouca fala baixinho, como quem conta um segredo.

N) - GADUNHAR – agarrar, segurar. Ele gadunhou o novilho pelos chifres.

O) - GAMBELAR = engambelar, adular, seduzir, enganar

P) - GRAMPO DE CABELO – Além de outros, são os seguintes os termos mais usados para nomear tal objeto:

1 - FRISETE – porque tem pequenos frisos

2 - FRANZUTE – evidente variante de frisete

3 - TIOTÊ –DE-CASQUINHA – tiotê são dobras tubiformes em um tecido, usadas, principalmente, em folhas ou babados que adornam blusas. Adaptação do francês tyaute. São grampinhos cobertos com um invólucro de metal colorido.

4 - TIOTÊ-SEM-CASQUINHA – é o comum, de cor preta.

5 - PRESILHA-DE-CABELO – servem os grampinhos para prender os cabelos.

Q) - LAMBER IMBIRA – imbira é casca de banana. O sentido da expressão é o de passar fome, necessidade, de estar na miséria.

R) - LORDAR – vestir-se bem, luxar. Ser como um lord, termo inglês, nobre. O rapaz sabe lordar!

S) - **MACEGAR** – apertar, amassar, espremer. Macega é erva daninha que surge nas searas, sendo pisada, amassada. A origem do nome é desconhecida.

T) - **MANÉ JOAQUIM** – bolo feito de farinha de trigo com leite e erva-doce, assado no forno. Fica fininho e com as bordas tostadas. Parece que o nome é derivado de quem o fazia, frequentemente, para vender.

U) - **NÃO DÁ PRAZO** – não há tempo, o tempo é escasso

Não vou à festa porque não dá prazo.

V) - **NEM BOM DE GUARDAR NEM RUIM DE JOGAR FORA** = mais ou menos. É esta a maneira curiosa de dizer que uma coisa é mais ou menos. Este sapato presta? Nem bom de guardar nem ruim de jogar fora.

X) - **NIQUE DE SERRINHA** – moedas que têm uns cortezinhos nas bordas. Me arranja aí um nique de serrinha.

Z) - **OFENDER** = deflorar. Como a maioria não conhece a palavra deflorar, usa ofender com o mesmo sentido. Ele ofendeu ela e agora vai ter de casar.

AA) - **PAU-DE-CATARRO** = nariz. É evidente a referência

BB) - **PÉLA-ÉGUA** – sopa de fubá com couve rasgada dentro.

CC) - **PELANCA DOS OLHOS** – outro termo para designar as pálpebras.

DD) - **PINICÃO** – é o mesmo que beliscão. Pinicar é sinônimo de beliscar. A professora só sabe dar pinicão na gente.

EE) - **QUITANDA** – em outras regiões, o nome que se dá à lojinha em que se vendem frutas, legumes. Por lá, só com o sentido de pão, biscoito, bolo, sobretudo feitos em casa. Parece que sua origem é “kitana” com o sentido de feira, venda. Vocês querem café simples ou café com quitanda?

FF) - **SUBIR** – o mesmo que copular. É fácil perceber o sentido, o ato.

GG) - **TAFUIÁ** – o mesmo que enfiar à força, meter, mergulhar. É comum ouvir-se: Tafuiá esse papel na gaveta.

HH) - **TIRAR LINHA** – flertar, paquerar, dirigir o olhar na direção dos olhos da pessoa que se tem a intenção de namorar.

II) - **TRUPICÃO** – o mesmo que tropeção.

CONCLUSÃO – A língua portuguesa, no Brasil, deve ser percorrida em suas variantes, quer regionais, quer sociais, entendendo-se, como foi dito no início, que o português do Brasil não é uniforme, homogêneo, nem no léxico nem na morfologia nem na sintaxe.

Aí está, pois, uma pequena mostra do que se pode fazer no campo do vocabulário, das expressões, da fraseologia, entendendo-se, com base numa minúscula região, o gigantismo de estudos no país todo, à espera de uma instituição que assuma o estudo dialetológico, que, em nosso modo de ver, é tarefa para uma equipe especializada e não uma só pessoa.

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Amadeu. O dialeto caipira. São Paulo, 1920 – 2ª edição Anhembi, 1955
- ELIA, Sílvio. O problema da língua brasileira.. Rio. Pongetti, 1940. 2ª edição melhorada. Rio. INL, 1961
- MATA MACHADO filho. O negro e o garimpo em Minas Gerais. Rio. José Olímpio. 1944
- NASCENTES, Antenor. O linguajar carioca. Rio. 1922. 2ª edição, refundida. Rio. 1959
- TEIXEIRA, José. O falar mineiro. Separata da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo. São Paulo, 1938
- MELO, Gladstone Chaves de. A língua do Brasil. Rio de Janeiro. FGV. 3ª edição, 1975